



**Gabriel Abrantes**, 17. Beware lest you should need our pity, 2008, óleo e impressão jacto de tinta de longa duração sobre tela vinílica, 200x300 cm

## EM BRAGANÇA

### APONTAMENTOS DE ARTE CONTEMPORÂNEA

COLECTIVA DE PINTURA, DESENHO, ESCULTURA E VÍDEO  
14 de Março a 5 Maio de 2009

Francisco Vidal, Gabriel Abrantes, João Francisco, Martinho Costa, João Leonardo, Pedro Gomes e Samuel Rama

Parece existir uma discussão alargada sobre a dicotomia Cidade/Campo que por vezes constrói definições formatadas. Esta dualidade impõe-se numa negociação de diferentes pontos de vista entre aqueles que vivem uma ou outra perspectiva, com o acréscimo dos que vivem as duas realidades opostas mas complementares. São nestas vivências em que se pode encontrar a veracidade entre os diversos conceitos propostos. De algum modo, a forma mais correcta de construir idelas colectivas faz-se a múltiplas vozes. Aliando experiência artística urbana à experiência rural, esta exposição pode, e deverá, ser um projecto onde ambas as partes melhor se revêem, reflectindo uma contemporaneidade cosmopolita, por um lado e, ao mesmo tempo, servir a população visitante.

Atendendo a isto, a escolha de algumas obras reflectem a urbanidade existente na cidade, enquantoque outras procuram resgatar uma ruralidade pré-existente. Sem paternalismos nem imposições, tentou-se inferir e intervir na vida dos brigantinos na medida em que este contacto seja pertinente a todos os que nele participam.

#### ARTISTAS E OBRAS

O trabalho de **Francisco Vidal** ressoa no uso desenfreado de cidades, onde os graffiti podem ser considerados uma forma de arte ou uma forma de vandalismo. Esta disputa sobe de tom quando a obra é apresentada num centro de arte

**Gabriel Abrantes** apresenta-nos uma pintura em que a cidade é construída através de impressões fotográficas de monumentos e outros edifícios. Este olhar caótico, frívolo e ansioso fruto da sua juventude, emana tanto uma urbanidade decadentemente delirante como uma urbanidade ostensivamente convincente.

A árvore pesada de barro e as paisagens negras de **Samuel Rama** mostram uma ruralidade nostálgica subtilmente corroída pela presença urbana. Porventura, pelo simples facto de ser uma realidade humana, estas fotografias reflectem a impossibilidade de existir um paraíso rural.

O vício que **João Leonardo** inala dos seus cigarros fumados ao longo de 10 anos denigre a imagem que a arte clássica edificou.

A colecção obsessiva desta decadência coloca o artista e a sua obra num confronto directo entre o belo antigo e a oportunidade de algo novo acontecer.

As cinzentas naturezas-mortas de **João Francisco** trazem consigo, não uma construção metódica a que este género pictórico historicamente ascendeu mas sim, uma desconstrução das ideias preconcebidas que povoam o senso comum.

Os desenhos de **Pedro Gomes** interrogam a intermitência das imagens citadinas. Esta falsa visualização, já que de imagens incógnitas se tratam, não impõe uma forma correcta de ver, antes pelo contrário, capacita a indefinição da visão e de olhares alheios. Os espaços e os desenhos podem e devem ser vividos ao modo de cada qual, bem ao jeito do próprio processo de desenho.

As pequenas pinturas de **Martinho Costa** concentram-se na mediação entre imagens reconhecidas e imagens impessoais.

As calamidades naturais, os acidentes individuais, as suas consequências e a respectiva salvação revelam a possível corrupção da incerta vida urbana e rural.